

Odilon Nogueira de Matos

Há alguns anos, quando uma reunião do Clube dos 21 Irmãos-Amigos de Campinas coincidiu com o dia 11 de agosto, tive oportunidade de proferir alocução com o título supra e que agora, um tanto extemporaneamente, julgo conveniente divulgar, crendo não ser inútil a lembrança da dupla efeméride que então se comemorava, uma de significação nacional, outra de âmbito local.

1. O 11 de Agosto nacional

O primeiro 11 de agosto relembra, como é bem mais notório, a criação dos cursos jurídicos no Brasil, no ano de 1827, com a fundação das duas primeiras Academias de Direito, a de São Paulo e a de Olinda (esta posteriormente transferida para o Recife), ambas instituídas pelo mesmo dispositivo imperial de 11 de agosto daquele ano.

Creio desnecessário recordar a significação cultural desse ato e o papel que as duas academias gêmeas representam no panorama de nossa história. Com elas, pode dizer-se, o Brasil emancipou-se, pelo menos no setor jurídico, da dependência das universidades européias, especialmente a de Coimbra, pela qual, aliás, foram elas modeladas. Fora do campo das leis, que seria logicamente inerente às suas próprias atividades, a importância delas foi enorme: a de São Paulo gaba-se, e com razão, de ter sido o berço do romantismo no Brasil, com os nomes tutelares de Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e Castro Alves; por sua vez, a de Pernambuco orgulha-se de ser o berço da filosofia em nossa pátria, com a chamada **Escola do Recife**, na qual pontificaram, entre outros, Tobias Barreto, Farias Brito e Sílvio Romero.

Para São Paulo, a fundação da Academia (como então se denominava) pode ser considerado o fato mais importante da primeira metade do século XIX. E de tal maneira a escola e a cidade se vincularam, que suas histórias não podem ser dissociadas, confundindo-se em toda uma variadíssima gama de circunstâncias. A importância cultural, social e também política desse fato já tem sido devidamente salientada em obras bem conhecidas, cujos autores, se não esgotaram o assunto, pelo menos souberam realçar o papel de alto relevo representado pelas venerandas arcadas do Largo de São Francisco na vida do país. Aureliano Leite considerou-a “o maior laboratório de homens públicos do Brasil”.

Graças a essa instituição, transformou-se São Paulo na “cidade acadêmica” ou “burgo de estudantes”, de que falam alguns visitantes do século passado. O pastor metodista Daniel Kidder, por exemplo, visitando a capital paulista na época da Regência, considerou-a a Heidelberg brasileira, tal a importância de sua Academia de Direito, nova na época, de apenas dez anos. Com a sua fundação, São Paulo como que retornou à sua primitiva função escolar, que lhe foi dada pelos padres jesuítas, naquele remoto janeiro de 1554. De cidade fechada, voltada para si mesma, durante todo o longo período colonial, como resultante de seu próprio isolamento no Planalto, veio a tornar-se São Paulo, depois da instalação da Academia de Direito, uma cidade procurada por jovens procedentes de todos os recantos do Brasil.

Ainda há poucos anos, um dos grandes especialistas norte-americanos em História do Brasil, o professor Richard Morse, em belo estudo sobre a evolução da cidade de São Paulo, sentiu o espírito da Academia, ao afirmar que sua influência social foi tão grande quanto a cultural: “A presença física de centenas de jovens do sexo masculino teve repercussões mais imediatas na vida da cidade do que as doutrinas professadas pelos seus mestres. A produção literária e política dos estudantes atingiu proporções surpreendentes. A ruidosa e irregular vida de república provocou um rompimento do austero código do sobrado e da família. Os estudantes introduziram novas modas no vestuário. A caçada, a natação, os *flirts*, as bebidas, as orgias e o hábito de se reunirem para discussão e divertimento levaram a vida para as ruas, ao ar livre, criaram a necessidade de tavernas e livrarias, e inauguraram o sentimento de comunidade”.

Os que conhecem a tradicional escola do Largo de São Francisco, em São Paulo, sabem que o centro acadêmico que congrega seus estudantes, tem o nome de **11 de Agosto**. Ainda em São Paulo, ao lado do Palácio da Justiça, há uma pequenina rua, de apenas uma quadra, que ostenta em suas placas a histórica data. Rua que outrora foi bem mais importante, mas que com as obras de urbanização das praças da Sé e Clóvis Beviláqua, quase desapareceu. Reduziu-se a uma simples quadra, para não desaparecer de todo.

Quando ainda bastante jovem, apenas adolescente, fui residir na importante cidade mineira de Juiz de Fora, ali encontrei curiosa tradição: o dia 11 de agosto comemorado como o “dia do estudante”. No entanto, àquela época, nem Faculdade de Direito a cidade possuía. Mas o dia 11 de agosto era o “dia do estudante”, tomada esta palavra no sentido mais amplo, pois era comemorada por todos os que estudavam, desde o grupo escolar até as poucas escolas superiores que a cidade então possuía. Nem sabia, àquela altura, o que significava a data então comemorada simplesmente como o “dia do estudante”.

Quando vim para São Paulo, alguns anos mais tarde, percebi que o 11 de agosto era uma data apenas da Faculdade de Direito, comemorada com a clássica “pendura”, mas dela os outros estudantes não participavam. Era privativa do “Território Livre do Largo de São Francisco”... Gostaria de saber a origem (escapou-me de indagar na devida ocasião) das comemorações de Juiz de Fora, que, sem ter Faculdade de Direito (naquela época), comemorava de maneira tão geral, como o “dia do estudante”, uma data tão particular.

2. O 11 de agosto campineiro

O segundo 11 de agosto desta minha evocação — já o lembrei — é campineiro, data das mais importantes da história local. A recordá-la existe na cidade uma rua bastante conhecida, centro de importante comércio atacadista no seu trecho inicial, e em sua parte final servindo a um dos mais importantes hospitais da cidade, a cuja frente abre-se bela praça ajardinada, com o busto de Camões, patrono dela. Campinas é das poucas cidades do Brasil a homenagear, com busto ou estátua, o grande poeta da língua. Mas o que importa no momento não é o Camões mas o 11 de agosto. A data nada tem a ver com a outra, evocadora da criação dos cursos jurídicos no Brasil e, por isto mesmo, data nacional. O nosso 11 de agosto lembra a inauguração da estrada de ferro em Campinas, com a chegada do primeiro trem, em 1872.

Com a abertura da linha férrea de Jundiaí a Campinas estava inaugurado o primeiro trecho de um vasto sistema de comunicações que se acabou estendendo praticamente a todo o Estado de São Paulo. A **Paulista**, tal como as demais ferrovias de São Paulo (com exceção da Noroeste e de umas poucas pequenas estradas de características particulares) nasceu vinculada ao café. Uma vez que a companhia inglesa que construía a ligação do litoral ao planalto não se interessou pelo prolongamento de suas linhas além de Jundiaí, pois privilégio de quase um século assegurou-lhe o monopólio no funil São Paulo/Santos, de maneira que qualquer estrada que se construísse no interior acabaria sua tributária — e isto lhe bastava ! — coube a fazendeiros, capitalistas e homens públicos de São Paulo levar os trilhos para as áreas que vinham sendo cobertas pela “onda verde” dos cafezais. A **Paulista** foi a primeira. Em 1868 era presidente da Província de São Paulo Saldanha Marinho, pernambucano de nascimento. Foi dele a idéia de estender a ferrovia de Jundiaí a Campinas, por ser esta cidade a “capital agrícola” da província. Convocou as pessoas com quem julgou podia contar, estimulou-as ao empreendimento, veio pessoalmente a Campinas tratar do assunto com fazendeiros da região, abriu-lhes as vistas para o futuro promissor da província, e o resultado foi a

fundação de nossa mais importante ferrovia, lamentavelmente diluída hoje na vala comum de uma organização estatal que só soube estragá-la.

O jornalista e poeta campineiro Francisco Quirino dos Santos (o "Doutor Quirino", evocado numa das nossas principais ruas) deixou uma bela página retratando os acontecimentos de 11 de agosto de 1872:

"Contavam-se três horas e meia, quando um estremecimento estranho veio eletrizar em todos os sentidos aquela reunião enorme; ouviu-se, longínquo, um rugido estridente e os ecos repercutiam pelas nossas mais belas campinas o férreo galopar do misterioso hipogrifo. O que se passou nesse instante foi uma coisa que não se diz: sonha-se ou vê-se.

Girândolas, foguetes, baterias, aclamações, músicas, tudo isso se ergueu num ímpeto tão sublime como a própria alma do povo, a perder-se numa vertigem de alegria indefinida. Espetáculo maravilhoso! Entusiasmo assim não se prepara: nasce de si mesmo, como a lava no seio dos vulcões para esbrasear a face das montanhas e derramar o calor e o brilho pela atmosfera incendiada. Como que vinham chamas aí pelo ar; os aplausos, os vivas, os sons vários casavam-se num hino profundo que era mais que uma desmedida expansão do prazer a tumultuar por todos os semblantes: era a apoteose majestosa do gênio do homem identificado com os símbolos das grandes invenções modernas.

Duas locomotivas galhardamente enfeitadas com toques, fitas, laços e bandeiras, abriam caminho, puxando dezenove vagões em que vinham os dois grandes vultos do dia — Saldanha Marinho e Falcão Filho, o iniciador e o executor do pensamento concebido na Companhia Paulista, e vinham mais o resto da diretoria e inúmeros acionistas e convidados, entre os quais o presidente da província, o chefe de política etc. Parado o trem, Saldanha Marinho e Falcão Filho foram recebidos pela nossa Câmara Municipal, autoridades locais e a multidão inteira que não cessava de os vitoriar".

Falaram, ao ato, vários oradores, entre os quais Campos Sales e o próprio Doutor Quirino, e seguiram-se as festividades de praxe: ofício religioso na matriz da Conceição (a atual Catedral), luminárias nos edifícios públicos e particulares e um suntuoso baile no Teatro São Carlos, cujo recinto, segundo o cronista, "deslumbrava de flores, de luzes e de custosas toilettes".

Vejam os leitores, pela notícia do jornal, que os grandes homenageados foram os fundadores da **Paulista**; ninguém ligou para o presidente da Província, cujo nome nem é mencionado e foi simplesmente incluído no "resto dos visitantes"... Com a preocupação bajulatória de hoje, como seria diferente essa notícia se o fato ocorresse em nossos dias!

Saldanha Marinho compareceu como fundador da **Paulista**, pois já não mais exercia o governo da província, ocupado, na ocasião, pelo Conselheiro Francisco Xavier Pinto Lima, que poucos meses permaneceria na presidência, substituído em fins daquele mesmo ano de 1872 por João Teodoro Xavier de Matos.

As ferrovias marcaram de tal maneira a paisagem humana, social e econômica de nosso Estado, que as datas da chegada do trem constituem sempre marcos importantes na história das cidades paulistas. Já tratei do assunto, demoradamente, em meu livro **Café e Ferrovias**. Recordarei aqui, apenas, que Campinas não esqueceu o grande acontecimento. Não só a data de 11 de agosto figura numa das nossas ruas, mas, também, outras vias públicas ostentam os nomes de Saldanha Marinho e de Falcão Filho, os dois grandes homenageados nas festas de 1872. Outros nomes vinculados a Campinas aparecem nas reuniões preliminares da fundação da **Paulista** e igualmente se encontram na nomenclatura de nossas ruas: os Barões de Cascalho, de Atibaia e de Itatiba (Ferreira Penteado); o Visconde de Indaiatuba, os irmãos Souza Aranha (um dos quais, Joaquim Egídio, veio a ser o Marquês de Três Rios e também presidente da província) e Antônio Pompeu de Camargo. Doutro lado, duas ruas, uma na Ponte Preta e outra na Vila Nova, lembram dois dos maiores nomes da história da **Paulista**, embora não vinculados diretamente a Campinas: o Engenheiro Monlevade e o Conselheiro Antônio Prado.

Eis o sentido e o significado do 11 de agosto campineiro. Julguei de justiça evocá-lo, ao mesmo tempo que ao outro, de projeção nacional, de alta relevância na história cultural e política do Brasil. Um e outro são eventos que não podem nem devem ser esquecidos. Lembrá-los aos de hoje é o mínimo que se pode fazer quando se tem a possibilidade de comunicação pela imprensa.

*